



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 16/02/2024 e 22/02/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
16/02/2024	11,72	345,60	45,49	5,60	4,16
19/02/2024	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
20/02/2024	11,79	347,60	45,41	5,82	4,18
21/02/2024	11,60	342,00	44,83	5,83	4,11
22/02/2024	11,47	334,90	44,21	5,83	4,06
Média	11,64	342,52	44,98	5,77	4,13

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	109,00	
RS – Não Me Toque	108,00	
RS – Londrina	106,00	
PR – M.C.Rondon	105,00	
MT – C.N.Parecis	99,00	
MS – Maracaju	102,00	
GO - Rio Verde	102,00	
BA – L.E.Magalhães	98,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	55,00	CIF
Porto de Paranaguá	S/C	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	50,00	
SC – Rio do Sul	55,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	42,00	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	57,00	
SP – Campinas	61,00	CIF
GO – Rio Verde	56,00	
GO – Jataí	56,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	62,00	
RS – Não Me Toque	62,00	
PR – Londrina	65,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 21/02/2024

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 22/02/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	50,00	108,50	62,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da Notícias Agrícolas.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
22/02/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	105,00
Feijão (saco 60 Kg)	ND
Sorgo (saco 60 Kg)	44,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	ND
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,05**
Boi gordo (Kg vivo)*	ND

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Dezembro/23, cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Notícias Agrícolas.

MERCADO DA SOJA

Chicago, para a soja, ensaiou uma recuperação das cotações nesta semana, após ter alcançado níveis os mais baixos em mais de três anos, porém, a mesma não se sustentou e o fechamento desta quinta-feira (22) ficou em US\$ 11,47/bushel, contra US\$ 11,62 na semana anterior.

O Fórum Outlook do USDA, realizado no final da semana anterior, confortou esta tendência baixista ao projetar que a área de soja, a ser semeada nos EUA a partir de maio, deverá crescer. A área esperada é de 35,41 milhões de hectares, contra 33,83 milhões da safra anterior, ou seja, um aumento de 4,7%.

Por outro lado, na semana encerrada em 15/02 os EUA embarcaram 1,2 milhão de toneladas de soja, com o volume ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA embarcaram, por enquanto, 32 milhões de toneladas, ou seja, 23% a menos do que no ano anterior. Temos aí outro fator para a debilidade das cotações em Chicago.

Já no Brasil, os preços voltaram a recuar, na medida em que o câmbio se mantém abaixo de R\$ 5,00 por dólar e estável, enquanto os prêmios nos portos, apesar de alguma melhoria, continuam no terreno negativo, próximos de um dólar por bushel. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 108,50/saco, enquanto no restante do país os preços variaram entre R\$ 98,00 e R\$ 106,00/saco. Nota-se que o mercado estabilizou e até apresentou leve alta média em alguns locais onde a colheita já ocorre. Isso porque vai se confirmando uma produção menor do que o inicialmente esperado. Aliás, as estimativas de safra no Brasil estão revendo para baixo a produção final nas últimas semanas.

Assim, enquanto na virada da semana a colheita no Brasil já atingia a 31,1% da área, contra a média de 25,9% (cf. Pátria AgroNegócios), as últimas estimativas de safra dão conta de um volume entre 147,9 milhões de toneladas, com redução de 1,8 milhão de toneladas sobre o estimado em janeiro, com a produtividade média nacional ficando em 54,4 sacos/hectare (cf. Agrinvest) e 152,2 milhões de toneladas (cf. Agroconsult, a partir do Rally da Safra). Isso representa um recuo entre 8,7% e 6% sobre o volume colhido no ano passado (162 milhões de toneladas segundo o USDA).

Embora a redução exista, o volume a ser colhido, na dimensão do conjunto da América do Sul, deverá ser compensado pela recuperação da produção argentina. Mesmo assim, em termos nacionais há preocupações. A Associação dos Produtores de Soja e Milho do Paraná (Aprosoja PR), por exemplo, comunica aos produtores e seus associados que a entidade, junto com a Aprosoja Brasil, está solicitando medidas para socorrer os agricultores atingidos pelas perdas da atual safra.

Pelo sim ou pelo não, tal realidade brasileira, caso a Argentina não confirme a recuperação como vem sendo estimado, pode reverter um pouco a tendência baixista em Chicago logo adiante. Mas o ponto principal de atenção naquela Bolsa passa a ser a intenção de plantio nos EUA, prevista para o final de março.

Enquanto isso, a estimativa de produtividade no Mato Grosso está em 52,5 sacos/hectare (-17,7% sobre a excelente safra passada), pois 40% da área semeada

foi atingida por altas temperaturas e baixo volume de chuvas. Goiás também teria sido atingido da mesma forma, havendo redução da produtividade também em Minas Gerais (de 59 para 57 sacos por hectare) e São Paulo (de 60 para 55 sacos por hectare). No Paraná e Rio Grande do Sul, sob impacto da seca em janeiro e início de fevereiro, as produtividades foram reduzidas para 58 e 53 sacos por hectare, contra 60 e 55,5, respectivamente. (cf. Agroconsult)

Enfim, a exportação de soja pelo Brasil, em 2024, deve atingir a 94 milhões de toneladas, contra 101,9 milhões exportadas em 2023. Já o esmagamento da oleaginosa ficaria em 54,3 milhões de toneladas no corrente ano, contra 53,5 milhões em 2023. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, continuaram recuando nesta semana, com o bushel do cereal fechando o dia 22 (quinta-feira) em US\$ 4,06, contra US\$ 4,17 uma semana antes.

Isso ocorreu mesmo com o Fórum Outlook do USDA confirmando um recuo de 3,8% na área a ser semeada com o cereal nos EUA neste ano. A mesma ficaria em 36,83 milhões de hectares, contra 38,28 milhões no ano anterior. Como no caso da soja, a informação mais importante a respeito virá com o relatório de intenção de plantio nos EUA no final de março.

Por sua vez, os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 15/02, atingiram a 918.610 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial os EUA teriam exportado 18,1 milhões de toneladas, ou seja, 32% acima do que foi vendido em igual período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho se mantiveram estáveis. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 50,00/saco. Já nas demais regiões brasileiras, os valores oscilaram entre R\$ 42,00 e R\$ 57,00/saco.

Por outro lado, contrariando as estimativas da Conab, que dão conta de uma safra total ao redor de 113 milhões de toneladas de milho no Brasil em 2023/24, a iniciativa privada avança o volume final de 125,9 milhões, já considerando uma redução de três milhões de toneladas em relação à estimativa anterior. Com isso, haveria um recuo de 14 milhões de toneladas sobre a safra anterior. (cf. Safras & Mercado)

Em termos de plantio, o Brasil deverá semear um total de 20,9 milhões de hectares de milho na corrente safra, com recuo de 6,2% sobre o ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Quanto às exportações, nas três primeiras semanas de fevereiro o Brasil embarcou 1,45 milhão de toneladas de milho, representando 64% do total exportado em fevereiro do ano passado. Assim, até o momento, a média diária de exportações está 15,2% acima da registrada em fevereiro de 2023. (cf. Secex)

Dito isso, a Conab, em seu último boletim, informou que a colheita do milho de verão, no Brasil, atingiu a 21,4% do total no final da semana passada, contra 13,9% registrados no mesmo período do ano anterior. Já a segunda safra do cereal apresentava um plantio ao redor de 45% da área esperada, contra 33,3% em igual momento do ano anterior. Os Estados mais avançados na semeadura são Mato Grosso (67,1%), Paraná (40%), Tocantins (35%), Goiás (25%), Mato Grosso do Sul (22%), Minas Gerais (11%), Maranhão (10%) e São Paulo (6%).

Já o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) divulgou que o custo de produção do milho de alta tecnologia, da safra 2024/25, no Mato Grosso, está 5,55% maior do que o registrado no ano 2023/24, ficando em R\$ 3.466,67/hectare. Somente a semente subiu 19,3%. Com isso, o Custo Operacional Efetivo (COE) foi estimado em R\$ 4.871,42/hectare, crescendo 8,7% sobre o ano anterior, deixando o ponto de equilíbrio maior do que em 2023/24. Assim, para o produtor mato-grossense de milho pagar o Custo Operacional Efetivo, colhendo 103,9 sacos/hectare (referência da safra 2023/24), é necessário que comercialize o seu milho a pelo menos R\$ 46,90/saco. Ora, a médio do preço no disponível, na semana, esteve um pouco acima de R\$ 37,00/saco. Uma defasagem negativa ao redor de R\$ 10,00/saco.

Enquanto isso, no Paraná o Deral informa que as lavouras do milho de verão, ainda a serem colhidas, estão com 1% ainda em floração, 16% em frutificação e 83% já em maturação. Enquanto isso, 55% da área já foi colhida até o dia 20/02. 64% das lavouras a colher estavam em boas condições, 29% em condições médias e 7% ruins. Em paralelo, as lavouras do milho segunda safra atingiam um plantio de 55% da área prevista.

Enfim, no Rio Grande do Sul, segundo a Emater, 58% da área de verão estava colhida até o dia 15/02, contra 45% na média histórica para esta data.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, se recuperaram um pouco no final da corrente semana. O fechamento da quinta-feira (22) ficou em US\$ 5,83/bushel, contra US\$ 5,67 uma semana antes.

Segundo o Fórum Outlook do USDA, a área a ser semeada com trigo, nos EUA, neste ano, deverá recuar 5,2%, ficando em 19,02 milhões de hectares.

Por sua vez, os EUA, na semana encerrada em 15/02, embarcaram 380.774 toneladas de trigo, ficando um pouco acima do volume mínimo esperado pelo mercado. Assim, o total embarcado no atual ano comercial soma 12,1 milhões de toneladas, estando 18% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, a Rússia continua pressionando as cotações internacionais para baixo diante da possibilidade de colher uma safra recorde de trigo em 2024. O novo volume chega, agora, a 93,6 milhões de toneladas. (cf. SovEcon) Ao mesmo tempo, a demanda está enfraquecida, fato que leva os estoques russos de trigo, no início do corrente ano, a registrarem um volume de 36,5 milhões de toneladas, chegando a

níveis recordes. Estimativas dão conta de que, entre novembro e janeiro, os russos exportaram 10,4 milhões de toneladas do cereal, contra 12,3 milhões em igual período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do cereal estão estáveis. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 62,00/saco, enquanto no Paraná os preços se mantiveram entre R\$ 65,00 e R\$ 66,00/saco.

O mercado nacional continua lento, pois os moinhos estariam abastecidos no médio prazo. Desde a virada do ano o mercado brasileiro do trigo se apresenta enfraquecido, com compras apenas pontuais por parte dos moinhos, ou seja, “da mão para a boca” no jargão do mercado. A tendência, por enquanto, é de que isso continue até meados de abril, embora haja leve melhora dos preços em algumas regiões do país.

Segundo Safras & Mercado, no Paraná o FOB interior chegou a R\$ 1.280,00 por tonelada do trigo tipo 01, durante a semana. Esses preços já se aproximam da paridade de importação em relação à Argentina, que está por volta de R\$ 1.290,00 por tonelada. No Rio Grande do Sul, para o trigo com um mínimo de 77 de PH, os preços ficaram entre R\$ 1.180,00 e R\$ 1.200,00 a tonelada, ou seja, entre R\$ 70,80 e R\$ 72,00/saco no FOB.

No fundo, o que tem sustentado as cotações nos atuais valores são as exportações. A programação de embarques, pelos portos brasileiros, atingiu a 2,9 milhões de toneladas até meados de março/24. Esse montante corresponde a um aumento de 112.000 toneladas quando comparado aos números fechados entre agosto/22 e março/23. O principal porto de origem é o de Rio Grande, com 2,2 milhões de toneladas (77% do total), seguido pelo de Imbituba/SC com 415.000 toneladas (14%) e Paranaguá/Antonina/PR com 263.000 toneladas (9%). Em janeiro, no total dos Estados do Sul, foram registradas 972.000 toneladas, e em fevereiro (até o final da primeira quinzena) o volume chegava a 848.000 toneladas, sendo que para março estava em 127.000 toneladas. (Cf. Notícias Agrícolas) Lembrando sempre que o maior volume de trigo exportado pelo Brasil é de baixa qualidade, a partir da frustrada safra do ano passado, em particular no Rio Grande do Sul, o que explica o alto volume exportado pelo Estado. Além disso, mesmo em safras normais, pela dificuldade de competitividade no mercado interno, o trigo gaúcho tem sido, em boa parte, destinado ao mercado externo nos últimos anos.